

# Ciência e Poesia na Busca da Verdade

EGLÊ MALHEIROS\*

Entre as muitas batalhas de meu dia a dia, existe uma que só agora começa a apresentar resultados. Que se deixe de falar em literatura infantil e juvenil e se considere a literatura **a-**  
**cessível** a crianças e jovens. É evidente que nesta luta não estou sozinha, somos um bom número de pessoas, a travar o bom combate.

Alguém menos avisado há de comentar: "De novo mera questão de nomenclatura". No entanto, não é disso que se trata.

A classificação "literatura **para** crianças e jovens" coloca os livros nela incluídos num gueto, com todas as desvantagens decorrentes. A produção passa a ser avaliada segundo critérios (por vezes muito discutíveis) de maior ou menor adequação aos destinatários. Por sua vez, os destinatários não são mais concebidos como múltiplos e variados e acabam virando a Criança e o Jovem, entidades míticas, desligadas de seu ambiente social e despidas de sua historicidade. Uma vez feito isso, dispensa-se à produção um tratamento paternalista e eivado de desprezo, não se aplicando os mesmos parâmetros de julgamento usados para a Literatura com l maiúsculo. E os que estão dentro do gueto podem compensar o isolamento com duvidosa troca de zumbaias e mútua complacência. Como consequência, perde a literatura e perdem os

---

\*Escritora.

leitores na minoridade.

Ao considerarmos a "literatura **acessível** a crianças e jovens" desde logo inserimos a criação na série geral da literatura, e será o primeiro termo da expressão o que irá carregar maior carga semântica. Há que ser literatura, obra-de-arte, polissêmica, provocativa, ambígua. A questão que se coloca é a capacidade de estabelecer o diálogo com o leitor, este também liberto da terrível camisa de força das faixas etárias. Enriquece-se também o acervo à disposição do adulto que, preconceituoso, não se chega aos livros carimbados como infantis.

Todo este intróito é para lembrar que, entre os escritores de Santa Catarina considerados importantes no cenário nacional, está Werner Zotz, muito lido pela criançada.

Vou aqui, em rápidas pinceladas, procurar estabelecer quais os eixos temáticos da obra de W.Z., abordando três livros: **Apenas um curumim** (1979), **Não-me-Toque em pé de guerra** (1982) e **Rio Liberdade** (1984), todos da Editora Nórdica.

Um breve resumo, para quem ainda não os leu.

**Apenas um curumim** é a trajetória de um velho pajé Tamãí e um curumim Jari, únicos sobreviventes de uma tribo, em busca do lugar onde outros índios vivem livres; **Não-me-Toque em pé de guerra** nos apresenta o menino Pedro, vivendo com o avô numa cidadezinha, enquanto o pai está exilado, e **Rio Liberdade** é a saga de Moreno, menino órfão, em fuga pelo Pantanal Matogrossense para encontrar Chica, tia e amiga.

A linguagem é cuidadosamente simples, desativada, fruto de muito trabalho e burilamento. A trama é pouco complexa, como que convidando a seguir o enredo, é claro, mas a se buscar mais coisas além dele. Walter Benjamin já disse que as crianças não precisam de adultos que lhes apontem o caminho, mas de pessoas que lhes dêem as mãos e caminhem junto com elas. É isto que W. Z. faz, num caminho que se constrói ao andar.

O ponto central de todos os livros é o anseio por liberdade, não como vaga aspiração, mas como valor social e político, conquistado em lutas comuns, uma vez impregnado nas consciências individuais.

Há sempre um contraponto narrativo renunciando as múltiplas faces da realidade e apontando ao leitor a riqueza das

várias leituras.

Os personagens centrais são sempre um menino e um velho (ou uma pessoa madura) e W.Z. não cai na falácia do choque de gerações. Jari tem conflitos com Tamãí, até que consegue entendê-lo; Tamãí se impacienta com Jari, mas porque o tempo urge e é preciso ensinã-lo a buscar seu próprio caminho. Ao passar para o curumim sua cultura quase perdida, o pajé não quer amar-rã-lo ao passado, mas sim abrir-lhe uma possibilidade de futuro. Choque existe é com o caraíba que impõem modelos e arrasa as diferenças para melhor dominar.

**Não-me-Toque em pé de guerra**, faz contraponto entre o ambiente ridículo e miúdo da cidadezinha e realidade vivida por Pedro e seu pai exilado. O menino encontra apoio no avô, espírito aberto e amante da vida.

Em **Rio Liberdade** o contraponto é entre a narrativa atual, da fuga de Moreno em busca da tia e a rememoração dos fatos que provocaram a fuga.

O choque se dá sempre, não entre gerações, mas entre concepções de vida. Entre os que lutam pela liberdade e os que a esmagam; entre os que amam a natureza e os que a exploram; destrutivamente entre os que constroem o futuro e os que promovem a estagnação.

**Apenas um curumim** é muito mais do que um libelo contra o extermínio dos indígenas, e já valeria se fosse apenas isto. Recuperando o comunismo primitivo, grande herança cultural de nosso povo, faz a crítica pertinente e sagaz, do modo de produção capitalista. Pois afinal foi este a grande contribuição do caraíba. A Jari, para não acabar, só resta a descoberta de um caminho, o da superação do sistema. Mas qual será e como será construído o caminho para o socialismo. Tamãí já não pode dizer, cabe a Jari descobrir. E terá de descobri-lo lembrando, olhando em volta e escutando a voz de dentro.

A prosa de W.Z. é carregada de poesia, no seu sentido mais denso. Em momento algum ele considera seu leitor um débil, incapaz de sentir e refletir.

Vejamos este trecho do monólogo interior de Jari: "Amanhã tenho que furar esse grande rio de água amarela. Ele é tão largo que nem consigo enxergar o outro lado. E lá do outro lado,

disse o pajé, tem muitos outros rios. Um deles é que vai levar a gente pro nosso povo. Eu tenho que encontrar esse rio. Decerto o braço vai doer bastante, de novo. Isso já é ruim. Pior vai ser se não encontrar o rio certo. Daí Tamã é bem capaz de zangar comigo. Por isso vou dormir, prá descansar e escutar a voz de dentro. Tomara que ela fale, ainda nem sei como ela é." (p. 36)

Todo o livro é perpassado por um grande respeito pela vida: vegetal, animal e humana, e pela tranquila aceitação da morte como parte do ciclo vital. É Tamã que diz no final: "O curumim pode aprender uma última lição. Os brancos morrem tristes porque não podem, nem sabem escolher a hora de partir, e também não têm a certeza de que viveram bem aqui, e porque não sabem como será a vida no grande campo de caça. Índio morre feliz e cantando. Tamã sabe ter vivido uma boa vida." (p.55)

Em **Não-me-Toque em pé de guerra**, na cidadezinha o clima é de farsa, as pessoas preocupadas com monstros e o bicho-papão do comunismo; enquanto isso, Pedro, o avô e a mãe vivem o drama da exclusão preconceituosa e da saudade do pai, Carlos. A cidade parada, relembra um passado morto, Pedro e os seus voltam-se para o futuro, para o sonho da volta de Carlos, futuro que estão construindo os que ficaram e os que se exilaram. Outro tema importante no livro é o direito à informação e o abuso que a censura constitui.

Os personagens adultos de W.Z. agem como o Autor com seus leitores: não impõem, não constroem. O trecho que se segue, é um exemplo: "Apesar de sempre pescarem em silêncio, o guri não conseguiu conter o espanto. Nunca tinha pescado peixe assim tão bonito e forte. O coração ameaçava sair pela garganta, mas ele sabia que precisava ficar calmo e atento: se o robalo conseguisse encontrar a linha nas afiadas quelras, ou se deixasse a mesma bambear, o peixe lhe escaparia.

Nem o avô se prontificou a ajudá-lo, nem ele queria a ajuda do velho. Aquele peixe era seu e ele iria tirá-lo da água. O robalo continuou correndo, xispando, levando a linha, pulando fora da água, brilhando contra o sol, mas sempre mais cansado e mais perto de Pedro. Por fim, foi embarcado e o coração do menino pôde descansar." (p.30-31)

**Rio Liberdade** é todo ele, ao mesmo tempo em que é um instigante livro de aventuras, uma metáfora da luta pela liberdade. É construído em torno da idéia de que liberdade não é dā-diva, é conquista, muitas vezes dolorosa, cheia de incertezas, mas que sempre vale a pena. O episódio do gavião Garrancho, que é aprisionado, e depois tem de reaprender a voar, é bellissimo. Não resisto à tentação de encerrar com ele, e fazer a pergunta, será que os adultos não teriam gosto em ler estes livros?

"Garrancho levou algum tempo pra entender que estava livre de vez, que era de novo dono do seu destino e de sua vida. O hábito fez ele continuar voando em círculos. Terminou percebendo a verdade do seu mundo, aquele em que sempre vivera, sem barreiras, sem horizontes. O círculo imaginário rompeu-se. Subiu pro alto, lá onde era seu lugar, lá onde sua vista aguçada enxergava toda a planura do campo, os capões de mato beirando a água, o rio preguiçoso coleando entre as muitas curvas desse tempo de vazante. O gavião planou na altura, encurtou as asas, encostando parte delas junto ao corpo, as pontas servindo de leme, e mergulhou no vazio. Mergulho veloz de caçador buscando a presa desatenta. O vôo razante espalhou vento na cabeça da gente. Aproveitando o próprio impulso, iniciou nova subida, bastando abrir e controlar as asas no final do mergulho, sem necessidade de nenhum outro movimento." (p.29)



ONO FILOMENO